

PERFIL DE COMPETÊNCIAS DO ALUNO À SAÍDA DO ENSINO BÁSICO DAS POTENCIALIDADES, DAS DIFICULDADES, DAS RESPONSABILIDADES

VÍTOR MANUEL TAVARES MARTINS*

No passado ano lectivo o Ministério da Educação, através do Departamento da Educação Básica, lançou o projecto "*Reflexão Participada Sobre os Currículos do Ensino Básico*". Trata-se de levar a cabo um vasto trabalho de análise, debate e reflexão sobre os currículos do Ensino Básico, a nível nacional, em que participaram escolas, as Direcções Regionais de Educação, as instituições do Ensino Superior e os centros de formação de associação de escolas e de associação de professores.

Um dos documentos de trabalho desse projecto é o "*Perfil de Competências à saída do Ensino Básico*", a partir do qual apresento esta breve reflexão.

Parece ser consensual a necessidade de se definir um perfil de competências do aluno à saída do ensino básico. Este documento pode ser a garantia de uma certa uniformidade quanto às aquisições nucleares relativas a cada programa, comuns a todos os alunos do ensino básico. Pode ser um interessante instrumento de avaliação e aferição da qualidade e da abrangência das competências adquiridas, das práticas pedagógicas concretizadas, da riqueza ou escassez de meios e recursos e da pertinência dos projectos educativos das escolas. Pode ainda, eventualmente, ser um recurso importante para a aproximação desejada da escola ao meio local, nomeadamente às estruturas económicas, sociais, educativas e culturais que possam receber os alunos (que vão ou que não vão prosseguir os seus estudos para além do 9º ano).

Parece igualmente aceitável, à primeira vista, o rol de competências enunciado no documento de trabalho. O seu clausulado parece-nos pertinente (embora em gradações diferentes), pelo menos em referência a um ideal de qualidade a almejar. É que ao contextualizarmos tais competências (nas nossas escolas do Ensino Básico), percebemos o quão difícil se torna garantir, a todos os alunos que completam o 9º ano de escolaridade, o domínio de algumas das competências enunciadas. Se não vejamos:

- será difícil que (todos) os alunos sejam capazes de "*utilizar elementos básicos das tecnologias da informação*" quando as escolas não têm os recursos, equipamentos e espaços necessários para o desenvolvimento de tal competência. Refiro-me, por exemplo, à falta de computadores, de

* Professor Efectivo da Escola E.B. 2.3 de Valongo do Vouga, Águeda.

equipamento e de espaços;

- será particularmente difícil que (todos) os alunos sejam capazes de "*conviver segundo parâmetros de respeito e de tolerância*", de "*trabalhar em cooperação com outros*" e de "*cumprir e analisar criticamente regras necessárias ao viver social*" se a escola não reestruturar os planos curriculares e se não tiver maior colaboração das famílias. Sendo competências que envolvem a construção da personalidade, da civilidade e da sociabilidade, entendemos que a escola não será capaz, sozinha, de vencer tal desafio. Mas isso não significa que se demita das suas responsabilidades. Propõe-se, pois, a criação de uma área disciplinar ou preferencialmente interdisciplinar que possa trabalhar esses domínios, sem prejuízo do esforço que todas as disciplinas e mesmo a área-escola devem dar nesse sentido. Não se trata de a escola substituir a família -- tal é uma utopia! --, mas sim de, de certa forma, a escola se tornar família.

Torna-se necessário, igualmente, que as famílias sejam mais apoiadas e orientadas, quer quanto ao seu estatuto sócio-económico, quer quanto à criação de legislação que facilite a sua ida regular à escola, quer quanto à concretização de mais e melhores iniciativas por parte da escola para as chamar à participação, regular e responsável, na educação dos filhos/alunos. O esforço da escola para desenvolver aquelas competências nos alunos poderá ser inglório se, no seio familiar, se viverem situações de desconstrução das mesmas. A escola, tal como a sociedade, é cada vez mais invadida por fenómenos de indisciplina, desrespeito, intolerância e individualismo. Por isso, a instituição escolar não pode deixar de tomar em mãos, com energia e lucidez, a tarefa central de desenvolver nos seus alunos um conjunto de competências que permita responder eficazmente às necessidades e aspirações do homem do amanhã.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1996). Projecto "*Reflexão Participada Sobre Os Currículos do Ensino Básico*", Lisboa, Editorial do Ministério da Educação. (Documento policopiado)